

Stadium

N.º 279

7 de Abril de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



PORTO-BENFICA

Fernandes está no chão, os médios acorrem, mas não resulta perigo do lance. Em baixo, uma defesa de Rogério atacado por Araujo e Correia Dias, vendo-se Mário Reis e Francisco Ferreira envolvidos no lance

Fotos HERMANN



Jornada dedicada ao BENFICA

Crónica de TAVARES DA SILVA

Diz-se, e é uma verdade inegável, que o presente Campeonato Nacional é um ecu aberto para os tesoureiros dos clubes. Na verdade, sucedem-se os golpes teatrais, os concorrentes sobem e descem, mas o título não se entrega. Assim, deste modo, mantem-se vivo o interesse até final, havendo em perspectiva muitos encontros de lotação esgotada.

Os mesmos fenómenos repetem-se a todo o momento, mas os clubes e principalmente os jogadores não tiram da lição dos factos a proveitosa experiência. Para o guia da classificação geral cada jogo é cada vez mais difícil. Mas, este, acautela-se cuidadosamente contra os mais fortes, e, em compensação, não repara na casa de laranja que lhe fica de baixo dos pés... O resultado é certo. Estatela-se ao comprido. E depois dos factos consumados vem a lamúria costumada.

A história do que se passou em Vila Real de Santo António é simples! O Belenenses não se empregou a fundo logo no primeiro quarto de hora, acedendo ao passo mais largo do adversário.

Este, em certo momento, compreendeu que a fortaleza não era tão inexpugnável como calculava... E, movido de bríos próprios de ambiente, caiu a fundo na sua maneira rápida e bela de futebol de conjunto.

O ataque do Lusitano cumpriu o seu dever. A defesa, na segunda parte, procurou briosamente não perder o golo de vantagem. Depois, deu-se o inevitável. Os belenenses, sentindo o campeonato a fugir-lhe das mãos, num arranco supremo, deram-se à reacção desesperada.

Ora, os golos são mais esquivos precisamente quando mais necessários. E estas reacções, geralmente, não se realizam à base do raciocínio e da inteligência, mas impõem-se pela força e energia. Os jogadores pretendem ir direito ao fim, directamente, não evitando os obstáculos na sua

curando derruba-los, e esta prática permite uma mais fácil defesa. A marcação aperta-se, e, no momento decisivo, aparece sempre um corpo ou um pé a afastar a bola.

Por outro lado, é indiscutível que o Lusitano tem dado provas de poder em sua casa. Enfim, tudo isto junto deu a mudança de guia.

Pode chamar-se ao domingo passada a jornada do Benfica. Os benficas ganharam em dois campos, no que jogaram e naquele em que jogaram os seus filhos. Ficou tudo em família. Se o Benfica vencer o campeonato, os Lusitanos serão os primeiros a exultar — por todas as razões e mais uma.

O Benfica marcha, agora, isolado, e a um ponto de diferença do Belenenses e do Sporting. Dir-se-á que o afastamento ainda não permite grande tranquilidade. Assim todos decerto o reconhecem. Mas, indiscutivelmente, o salto do Benfica é prodigioso.

Os benficas fizeram boa figura no campo da Constituição. Jogaram — sem inutilidades ou fantasias. Com o propósito único de vencer e conquistar os pontos da ordem. Para tal, fizeram estreita e cerrada marcação. Os avançados portugueses foram vigiados e perseguidos com atenção, genica e vontade, só em uma ou outra vez rematando livres. E nessa altura a segurança de Contereiras cortou todos os vãos portugueses. E estes desanimaram um pouco, sentindo que não podiam cortar as balizas a golos.

Continuando a defender-se com garra, o Benfica teve no ataque o talento suficiente para aproveitar duas oportunidades. O team achava-se valorizado com a acção do seu tão discutido extremo-esquerdo, que também joga na asa direita muito bem, o que permite esplêndidos arranjos, mas viu a sua tarefa um pouco facilitada pelas falhas da linha medular portuense, Carvalho e Joaquim.

Também o Sporting, que se salvou milagrosamente na sua

relva, veio a beneficiar da escorregadela belenense. Os leões, no fundo, acham-se tão próximos do título como os dois compadres.

O Sporting arrancou o triunfo — quando já não acreditava nele. A poucos minutos do fim perdia por uma bola. E, após o empate, já dádava do céu, conseguiu o triunfo no último pontapé do tempo de prolongamento, uma coisa muito elástica...

Certamente, depois do futebol relativamente bem organizado dos olhanenses, os sportingues dominaram na segunda parte. Mesmo porque aqueles se remeteram à defesa, descurando o ataque. Mas o que nos parece inconvencional é que se está a passar *ma vida* no grupo leonino que, por efeitos de ausência de Travaços e de outras causas, rende menos no ataque, continuando desequilibrado, e talvez desorganizado, na defesa.

Os 5 de Lisboa ganharam largamente na luta contra a Província. Só o Belenenses caiu. Estoril e Atlético, um melhor do que outro, também passaram. O Estoril aproximou-se mais do Porto, estando agora apenas a um ponto, em 5.º lugar.

Esperava-se da parte do Boavista um comportamento mais enérgico e nivelado. O seu team jogou de modo fragmentado, e teve de aceitar o ritmo de ataque do antagonista.

Com o Atlético deu-se o caso estranho de, chegando a estar muito distanciado, acabar por vencer por um golo, e mesmo esse de grande penalidade. Diz-se, mesmo, que os bracarenenses não tiveram a fortuna pelo seu lado, e não nos repugna acreditar que assim fosse. Sporting de Braga é um dos teams que melhor vimos jogar esta época, tendo em conta as reatividades.

Na Tabela, cuja leitura detalhada continuamos a aconselhar, somente o Porto corta a cadeia dos 5 de Lisboa. O Atlético passou para a frente do Elvas, e o Lusitano está adiante do Olhanense. Parece-nos escusado dizer mais nada...

Na zona intermédia registou-se uma partida de resultado-surpresa: o Vitória de Guimarães bateu o Elvas copiosamente.

Os rapazes de Guimarães que, oito dias antes, não tinham conseguido uma boa lição, mostraram de modo indiscutível que há, no

seu conjunto, valores, e que estes estão a ser bem aproveitados por Valadas. O grupo jogou como um bloco, tornando-se perigosíssimo nos contra-ataques.

Continua a debater-se com entranhada energia a questão do último, incluindo também a do penúltimo. Os setubalenses, por via de vencerem a Académica, atiraram com Braga para a colocação na zona de angústia.

Certamente, a Académica lutou enquanto pôde. Diga-se que lhe pertenceram os melhores trechos do futebol verificados na primeira parte, com a bola rolando no terreno e os jogadores a desmarcarem-se para o sítio indicado, mas, de um modo geral, o Vitória de Setúbal mereceu o triunfo — por ter sido mais equipa, especialmente equipa de campeonato.

No segundo tempo, quando os setubalenses aumentaram o ritmo, dando velocidade, os estudantes desorientaram-se. Por isso, e pelos golos sofridos. Talvez evitáveis, isto é, de jogadas que normalmente não dão goio. E a Académica passou a defender-se, e a defender-se mal — vivendo no ataque de uma ou outra abertura, ou larga ou comprida. Por ora, Braga e Académica, o primeiro em bem melhores condições, ocupam os postos da tragédia. Apesar de tudo, tanto em relação ao primário como ao último, ainda não está ditada a sentença. O Campeonato Nacional deste ano parece gozar com a dúvida.

Na 19.ª jornada marcaram-se 34 golos (aproximadamente 5 por desafio) com os seguintes resultados:

- Sporting ... 3 — Olhanense... 2
- Porto 0 — Benfica..... 2
- Atlético 4 — Sp. Braga... 3
- Estoril 4 — Boavista... 0
- Vitória G.... 7 — Elvas 1
- Lusitano.... 2 — Belenenses.. 1
- Setúbal.... 4 — Académica.. 1

20.ª Jornada

No próximo domingo realizam-se os seguintes encontros do Campeonato Nacional:

- Belenenses-Atlético.
- Benfica-Lusitano.
- Braga-Sporting.
- Boavista-Elvas.
- Setúbal-Guimarães.
- Académica-Porto.

Há logicamente a certeza de que o Benfica continuará a ocupar o posto da cabeça.

Os segundos podem escorregar... O Atlético mostra sempre grande aptidão contra o Belenenses; e os leões jogam em Braga uma cartada difícil. Os dois últimos desafios acusam crise leonina, enquanto que Braga afirma progressos.

Estoril, o outro representante de Lisboa, desloca-se a Olhão e dificilmente ganhará. Boavista-Elvas e Setúbal-Guimarães, são partidas equilibradas, com vantagem para quem está em casa. Além de tudo, Setúbal precisa mais do triunfo que Guimarães.

Em Coimbra, a Académica tentará o impossível. Mas é incontestado a superioridade do Porto. Enfim, parece não haver grande margem para surpresas na 20.ª jornada, mas estas aparecem quando menos se espera...

Tabela de pontos

	CASA				FORA				TOTAL						
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
Benfica	19	8	—	1	33-8	6	3	1	34-18	14	3	—	2	67-26	31
Belenenses	19	8	1	—	37-6	6	1	3	20-14	14	2	3	57-20	30	
Sporting	19	9	—	1	42-13	6	—	3	24-16	15	—	4	66-29	30	
F. G. Porto....	19	7	—	2	32-11	6	—	4	26-20	13	—	6	58-31	26	
Estoril	19	9	—	1	49-15	2	3	4	18-23	11	3	5	67-38	25	
Atlético	19	6	2	—	37-23	2	—	7	19-28	8	2	9	56-51	18	
Elvas	19	7	—	3	35-18	—	2	7	11-33	7	2	10	46-51	16	
Boavista	19	6	1	3	25-19	—	1	7	8-30	7	2	10	33-49	16	
Vitória (G.)...	19	6	1	3	23-18	—	2	7	9-29	6	3	10	32-47	15	
Lusitano	19	6	2	1	14-12	—	1	9	7-48	6	3	10	21-60	15	
Olhanense	19	4	3	3	25-18	—	2	7	14-35	4	5	10	39-53	13	
Vitória (S.)...	19	4	2	3	17-18	1	—	9	11-33	5	2	12	28-51	12	
Sp. Braga....	19	4	2	3	24-18	—	1	9	16-33	4	3	12	40-51	11	
Académica....	19	3	2	4	19-30	—	—	10	10-52	3	2	14	29-82	8	

Um treinador espanhol no Atlético

Sabemos que o Atlético Clube de Portugal vai ter um treinador. Trata-se de um espanhol de muito cartel, com larga prática de ensino não só em Espanha como noutros países, de nome Areso.

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração
RUA DA ROSA, 252 - 1.º
Telefone 31187 — LISBOA

Director e Editor:
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção:
TAVARES DA SILVA

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

PROVAS OFICIAIS DA FEDERAÇÃO

Três clubes em evidência

no campeonato nacional da 2.ª Divisão:
Covilhã, Famalicão e «Cuf» do Barreiro

BONS resultados obtiveram as equipas da «Cuf» do Barreiro, do Famalicão e do Sporting da Covilhã, contra excelentes adversários: Barreirense, União e Leixões. E porque os fizeram no campo estranho, merece ainda o facto referências especiais.

Falam os números:

Leixões 1 — S. C. Covilhã. 2
Barreirense . . . 1 — «Cuf» Barreiro 1
U. Coimbra . . . 2 — Famalicão . . . 6
Portimonense. 2 — G. D. Beja . . . 1

Vistos os números, temos as equipas assim classificadas: Zona Norte — Sporting da Covilhã, 8 pontos; Famalicão, 6 pontos; Leixões, 4 pontos; União de Coimbra, 2 pontos. Zona Sul — Cuf do Barreiro, 8 pontos; Barreirense, 6 pontos; Portimonense, 6 pontos; Desportivo de Beja, 0 pontos.

Com esta classificação, aparecem-nos irremediavelmente afastados os grupos do Leixões, União de Coimbra e Desportivo de Beja. Na zona norte, o Sporting da Covilhã e o Famalicão podem *di-cultar* o caso; cá para baixo, a Cuf do Barreiro deve ter conquistado no domingo o seu grande triunfo. O Barreirense poderá ser segundo, mas não ultrapassará o seu rival e vizinho. . .

As equipas do Covilhã e do Famalicão também meteram uma clausura em África. Os leões da Serra firmaram por certo a sua posição com a vitória obtida sobre o grupo matozinense; e os famalicenses, com triunfo fácil em Coimbra, apreciando o jogo pelos números, colocaram-se em plano de evidência e podem aparecer na vanguarda.

O campeonato aproxima-se do fim. Há, nesta altura — clubes batidos. Agora, só uma ou outra surpresa poderá dar novo rumo às coisas. Mas é difícil.

Os jogos da «Taça de Portugal»

A segunda jornada da «Taça de Portugal» deu os seguintes resultados:

Vianense 2, Sanjoanense 0; Vila Real 3, Oliveirense 0; Académico 7, Flaviense 1; S. L. e Viseu 2, Naval

Acabou o campeonato

COM o empate a zero, entre o Sporting e o Belenenses, terminou praticamente no domingo o campeonato de Lisboa, que o mesmo seria dizer de Portugal, pois em mais nenhuma cidade do país se pratica a modalidade.

No entanto, não se conhece ainda o campeão; o Benfica tem dois jogos em atraso, com o Belenenses e com Agronomia, este em repetição do outro que não terminou porque os jogadores se

envolveram em desordem e o árbitro não conseguiu levá-lo ao fim do tempo regulamentar.

O encontro da última jornada foi pobre em técnica; ambas as equipas alinharam desfalcadas, cada uma dominando em sua parte, num esforço desordenado de que não souberam tirar vantagem, apesar de numerosos pontapés de penalidade concedidos em posição favorável. Nas formações abertas verificou-se sempre a habitual confusão, pois os jogadores em vez de talonarem a bola e pucha-la para o seu campo, dão-lhe pontapés para a frente, de encontro às pernas dos adversários; o árbitro, Paula Bastos, que em tudo o restante desempenhou a contento a sua missão, deixou escapar muitas deslocações, tanto dos médios belenenses nas formações fechadas, como indistintas nas formações abertas. Pecha infalível dos árbitros portugueses, para cujo esclarecimento transcrevemos o capítulo referente das regras francesas.

«Um jogador está deslocado:

a) — se entra na formação pelo lado do adversário;

b) — se, estando a bola dentro da formação de que ele não faz parte, fica com um ou os dois pés mais à frente do que a bola;

c) — se, quando a bola é posta em jogo da linha lateral, se coloca mais adiantado do que a perpendicular à linha lateral, tirada do ponto onde a bola é lançada em jogo;

Nota: esta lei só se aplica aos jogadores que participam do lançamento; não é necessário que os jogadores das duas equipas tenham regressado aos campos respectivos.

d) — no caso de pontapé livre ou de penalidade na sua própria área de validação, quando se encontre à frente do companheiro que executa o pontapé;

e) — se a bola foi pontapeada, tocada ou é transportada por um jogador da sua equipa colocado em posição mais recuada.

É proibido ao jogador deslocado jogar a bola, fazer obstrução activa ou passiva ao adversário, aproximá-lo ou ficar voluntariamente a menos de dez metros do adversário que espera a bola.

Nota: O jogador que estiver a menos de dez metros do adversário esperando pela bola, deve imediatamente recuar até essa distância. Os árbitros devem aplicar com o máximo rigor a regra dos dez metros. O facto do jogador deslocado ficar imóvel, mesmo levantando os braços, não é suficiente; deve sem perda de tempo colocar-se além do limite estabelecido pela lei.

«O jogador deslocado é posto em jogo quando:

a) — o adversário portador da bola percorreu pelo menos cinco metros correndo;

b) — a bola fôr pontapeada pelo adversário;

c) — um adversário tocou intencionalmente na bola, contanto que este adversário nem a tenha bloqueado nem apanhado do solo.

Nota: Todos estes casos só são de considerar desde que o jogador deslocado tenha respeitado a regra dos dez metros.

d) — o companheiro portador da bola, ou que a pontapeou em último lugar à sua retaguarda, o tenha ultrapassado no sentido do campo adversário.

SALAZAR CARREIRA

ANDEBOL

O campeonato vai a meio

TERMINOU no domingo a primeira volta do campeonato de Lisboa, da qual ficou apenas em atraso o encontro Oriental-Sporting, que a Associação vai ser obrigada a fazer disputar em dia de semana pois tem o seu calendário consideravelmente retardado em relação à data fixada para início do campeonato nacional.

A última jornada incluiu dois jogos de cartél: «Os Treze»-Benfica e Sporting-Belenenses, afinal duas desilusões!

Em vésperas de abalada para uma pugna internacional de responsabilidade, o espectáculo destes dois encontros foi pouco animador; os andebolistas lisboetas ainda não assimilaram a tática mais adequada às novas leis de jogo e, sobretudo as linhas avançadas, embrulham-se numa teia de inúteis passes laterais retardando o remate e originando constantes choques e outras tantas faltas que retiram ao jogo a sua natural beleza.

Nesta ordem de ideias não podemos felicitar os componentes dos grupos belenense e sportingista, cuja

exibição confusa, recheada de irregularidades, traía os excelentes propósitos de propaganda da A. A. L. e o bom auxílio da F. P. F., aos quais o público correspondera acorrendo numeroso ao estádio do Lumiar para presenciar o aperitivo que lhe era oferecido.

Contra a maioria dos prognósticos, o Belenenses — apesar de ter nas redes um porteiro de ocasião — venceu bem o seu rival, com cinco pontos de Mendes que aproveitou a constante liberdade de acção que lhe consentiu o adversário. A equipa sportingista, lenta no terreno, com um interior (Vicente) que joga ao contrário do indiano, desmarcando-se para traz em vez de se adiantar ao passe; um extremo direito com demasiada veterania e Pimentel Saraiva em tarde sem inspiração, nunca deu a impressão de poder ganhar.

No outro encontro referido, o nível de jogo não foi mais alto; na primeira parte, os benfiquistas foram mais agressivos, mas não tiveram a sorte pelo seu lado e viram-se copiosamente batidos em virtude da acção nula do jogador que tinham nas re-

des e da falta de sentido prático do avançado Fernando Pereira, que teimou em driblar só com uma mão na competência do adversário, sendo assim facilmente desarmado e inutilizando ataques sem conta.

Depois do intervalo a vantagem trezeista foi acentuada, mas pouco eficaz pelo abuso de batimentos e passes laterais e, ainda, pela presença já de Polleri na baliza benfiquista.

A meio caminho do torneio é difícil prognosticar um vencedor. Três equipas, Belenenses, «Os Treze» e Sporting contam todos três uma derrota e dos seus resultados futuros dependerá a classificação.

Faremos dos «azuis» os nossos favoritos.

Outro campeonato está decorrendo com interesse, o dos juniores, no qual o Oriental, campeão em exercício, se mantém à frente dos concorrentes.

A Associação consentiu que se inscrevessem várias equipas do mesmo clube, o que é de louvar; mas admitiu no regulamento que os jogadores do clube alinhasssem indiferentemente em qualquer das equipas e isso é uma lamentável irregularidade que pode desvirtuar em absoluto os resultados da prova.

José de Eça

PORTUGAL *novamente* CAMPEÃO do MUNDO

COM a primorosa vitória alcançada em Montreux — está de parabéns o desporto lusitano. O hóquei em patins principalmente. E na realidade aquele bravo pushado de rapazes, atletas no melhor sentido da palavra, são credores das maiores simpatias — de quantos se interessam pelas actividades desportivas.

Afirmção exuberante de categoria — e da mais apurada classe — o duplo triunfo agora conquistado, repetição do de 1947, em Lisboa, constitui justo prémio da perseverança e tenacidade dos oquistas portugueses.

Mais importante ainda do que o do ano passado, este triunfo em Montreux, tem um significado especial — porque foi obtido no estrangeiro de maneira admirável.

De lastimar, simplesmente, a derrota contra a Inglaterra. Seria realmente bem mais bonito um triunfo completo. Mas a vitória dos britânicos em nada diminui o valor patentesado pelos oquistas de Portugal. Que, na verdade, nem sempre se pode ganhar...

Portugal desportivo está em festa

O QUEI EM PATINS



A gentil patinadora Edite Cruz, que se exibiu com êxito em Montreux



A equipa que primeiro representou Portugal no campeonato da Europa de hóquei em patins disputado em Herne-Bay em Abril de 1930. Da esquerda para a direita; no primeiro plano, Leonel Costa, José Carlos e Germano Magalhães; em pé: António Adão, Fernando Adrião e José Prazeres



A equipa portuguesa alinhada no lugar de honra depois de ganhar o título mundial. Da esquerda para a direita: José Prazeres, Soares, Cipriano, Jesus Correia, Emídio, Correia dos Santos, Raio, Sidónio, Olivério Serpa e Martins Correia

— o que é bom sinal. Regosijemo-nos todos, pois, com o triunfo oquistico. E felicitem-se com merecem, os jogadores campeões — a quem o público já ontem consagrou devida e definitivamente uma verdadeira apoteose.

Os nomes desses seis rapazes — Emídio Pinto, António Raio, Sidónio Serpa, Olivério Serpa, Jesus Correia e Correia dos Santos — hão-de ser sempre lembrados e ficam gravados a letras de ouro para os anais do desporto lusitano. Juntem-se-lhe ainda os de José Prazeres, o seleccionador, e de Álvaro Lopes e Cipriano dos Santos, campeões também em 1947 — porque ambos merecem esta homenagem. Mas não se olvidem os pioneiros do hóquei em patins — aqueles que vai fazer desoito anos foram pela primeira vez deabalada ao estrangeiro: Fernando Adrião, António Adão, José Prazeres, Germano Magalhães e Leonel Costa. Para esses, sinceramente, toda a simpatia — porque foram os obreiros de

uma causa que culminou com a conquista de dois campeonatos do Mundo e da Europa em anos seguintes.

Honra e glória, por conseguinte, aos oquistas de Portugal — falange de campeões autênticos. E que belos campeões eles foram e são! Que, é natural e de desejar, hão-de continuar a ser, no futuro. Para orgulho do país que lhes foi berço. E por direito de conquista para confirmação absoluta de um valor real.

* * *

Este torneio de Montreux, o da maior concorrência de equipas, fornaceu indicação segura das facultades atléticas dos nossos jogadores. Suportar a luta que eles suportaram — não está ao alcance de qualquer! É esgotante a sua acção. Só desportistas de bom quilate assim podem fazer. Como eles souberam e puderam — estocadamente, sem desfalecimentos, com vitalidade e demonstração de recursos e da melhor e mais requin-

tada classe. Justo é, porém, reconhecer ainda a valia dos adversários nomeadamente de ingleses, italianos e espanhóis.

O outro triunfo conquistou também o hóquei lusitano: — a indicação do cap. Santos Romão para a vice-presidência da Federação Internacional. E se se conseguir que em 1949 se reunam em Lisboa os mestres e dirigentes do olimpismo, como se pretende, bom será. É mais uma vitória a juntar às tantas já agora registadas. Por tudo — encontra-se presentemente em festa o desporto nacional. Viva, pois, o hóquei em patins, expressão mais alta das actividades desportivas lusas.

A competição internacional de Montreux foi a melhor de sempre. Bateram-se vários recordes: de assistência e de concorrência, especialmente, e ainda de resultados gerais e num só jogo. A Inglaterra, que em 1926 havia fixado o máximo de tentos (14-0 à Itália) — repetindo a façanha seis anos depois, contra a

Bélgica, fez agora 17-0 à Holanda. E Portugal obteve os seus mais volumosos scores: 15-0 à Holanda e 13-0 ao Egipto, cujas equipas, por serem estreates, sofreram as maiores derrotas da prova, o que aliás não é para estranhar. Marcaram-se 288 golos, a uma média alta, quando, numa dúzia de campeonatos anteriores, se tinham feito 1315 — menos de metade, em média, por ano, em relação ao torneio de 1948.

Na última jornada obtiveram-se os resultados seguintes: Itália-Holanda, 15-0; Bélgica-Egipto, 2-0; Espanha-Holanda, 16-0; Bélgica-Sulça, 3-1; Itália-Egipto, 7-0; Inglaterra-Portugal, 2-1. O jogo derradeiro foi de derrota para os portugueses — que já estavam então novamente campeões do mundo! Olivério marcou o nosso golo — e Goodwill fez os dois britânicos, que apresentaram: Payton, Spice, Walters, Goodwall, Hulme e Buckl y. À excepção de Spice e de Buckley, todos os outros tinham estado, em Lisboa, no ano passado. Quase a mesma equipa, pois, que perdeu no Pavilhão dos desportos em Maio de 1947.

Pela presença do Egipto, houve, agora, duas classificações. Para o campeonato do Mundo: 1.º Portugal — 7 vitórias, 1 derrota, 56-8 e 14 pontos; 2.º Inglaterra — 6 vitórias, 2 empates, 48-11 e 14 pontos; 3.º Itália — 6 vitórias, 2 derrotas, 51-14 e 12 pontos; 4.º Espanha — 5 vitórias, 1 empate, 2 derrotas, 48-13 e 11 pontos; 5.º Bélgica — 4 vitórias, 4 derrotas, 27-28 e 8 pontos; 6.º Sulça — 3 vitórias, 5 derrotas, 23-28 e 6 pontos; 7.º França — 3 vitórias, 1 empate, 5 derrotas, 21-30 e 5 pontos; 8.º Egipto — 1 vitória, 7 derrotas, 7-26 e 2 pontos; 9.º Holanda — 8 derrotas, 0-100 e 0 pontos. Para o campeonato de Europa: 1.º Portugal — 6 vitórias, 1 derrota, 43-8 e 12 pontos; 2.º Inglaterra — 5 vitórias, 2 empates, 37-10 e 12 pontos; 3.º Itália — 5 vitórias, 2 derrotas 44-14 e 10 pontos; 4.º Espanha — 4 vitórias, 1 empate, 2 derrotas, 34-13 e 9 pontos; 5.º Bélgica — 3 vitórias, 4 derrotas, 25-28 e 6 pontos; 6.º Sulça — 2 vitórias, 5 derrotas, 26-28 e 4 pontos; 7.º França — 1 vitória, 1 empate, 5 derrotas, 16-29 e 3 pontos; 8.º Holanda — 7 derrotas, 0-95 e 0 pontos.

A GRANDE VITÓRIA portuguesa em Montreux



PELA segunda vez consecutiva, e desta feita em terra estrangeira, a equipa representativa de Portugal ganhou o campeonato mundial de Oquei em patins de rodas.

O triunfo alcançado pelos briosos jogadores, que ontem tiveram à sua chegada a Lisboa a apoteótica recepção que mereciam, consagra uma classe desportiva da qual podemos justamente orgulhar-nos.

Podemos afirmar-se que toda a população desportiva portuguesa — e muitos portugueses que não seriam adeptos do

desporto — acompanhou com o coração a pulsar acelerado de patriótica emoção e o espírito fixo no esforço desse punhado de rapazes, todos os seus encontros que a rádio nos descreveu e vivemos como se os houvéramos presenciado. «Stadium» sente-se satisfeita por lhe haver sido possível, graças à amabilidade do Inspector de Desportos dr. Ayala Butto, associar-se à homenagem aos nossos campeões mundiais, consagrando-lhe esta semana já uma excelente documentação gráfica que recordará a sua proeza.



1 — Olivério com os prémios ganhos; ao lado Sidónio, considerado o melhor-médico do mundo. 2 — Todas as equipas que tomaram parte no campeonato. 3 — Uma fase do jogo junto às redes portuguesas. 4 — As equipas alinhadas na cerimónia inaugural. Da esquerda para a direita: Inglaterra, Bélgica, Egipto, Espanha, Suíça (ao fundo) Portugal, Holanda, Itália, França. 5 — O presidente da Federação Internacional entrega ao capitão da equipa portuguesa, Olivério Serpa, o trofeu perpétuo do campeonato, vendo-se ao lado Sidónio Serpa e Raio. 6 — Uma grande defesa de Emídio, a pontapé



MANUEL GONÇALVES

titular dos 30 quilómetros e da Maratona

fala-nos dos seus triunfos

O prego forte, alegre, do vendedor de jornais, sabia mais alto que o balião da rua.

Manuel Gonçalves, o excelente corredor do Benfica que há dias, nos 30 quilómetros, estabeleceu novo recorde, acabou de chegar com os jornais ainda frescos de tinta ao seu local de venda, concluindo mais uma das suas corridas diárias no esforço da luta pela vida...

Alli, no Campo Pequeno e arredores, palmilhando as avenidas, sabendo até aos quintos e sextos andares, o nosso actual melhor *fundista* distribui os seus jornais e as suas energias.

Olhamo-lo nessa roda viva dos primeiros momentos, dentro do seu ar prazenteiro entre o constante prego dos seus jornais.

Quando a faina abranda um pouco, Manuel Gonçalves dá-nos algumas informações da sua vida desportiva.

Estabelecemos converso.

— Está concluída mais uma *corridinha*?

Manuel Gonçalves, olhando os jornais que terá de vender:

— Ainda não; daqui a um bocadito é que a prova chega ao fim.

— Sempre correia?

— Sempre lá vendedor de jornais...

E recorda:

— Abalei de Oliveira de Azeiteiros aos 6 anos de idade e quando cheguei a Lisboa comecei logo na ajuda de uma venda.

Aos 9 anos já vendia com gente grande. Nessa altura tinha um patrão com venda em Cacilhas e Cova da Piedade. Fazia então diariamente uma grande corrida.

O patrão mandava-me aviar um *leitor* no sítio do Larangeiro e como eu não podia dar sobras — as mãos dele eram pesadas — lançava-me em corrida da Cova da Piedade ao Larangeiro e depois para Cacilhas, a fim de conseguir chegar primeiro que o meu patrão...

Fez-se assim o corredor, aos 16 anos. Já então girava em Lisboa e começou a representar o «Leões das Avenidas» em corridas de «Populares».

Em 1942, um seu padrinho que era todo *leão*, levou-o a assinar ficha pelo Sporting e o principal Manuel Gonçalves foi ao «cross de abertura» correr contra o 6 do Benfica. E ganhou, com 200 metros de avanço!

Depois, vieram mais provas. Como junior, no campeonato de Lisboa, alcançou um 4.º lugar.

Mes, ao chegar o final da época...

— O ambiente de então no Sporting não me agradava e eu ia a passar-me para o Carcavelinhos quando uns rapazes amigos me trouxeram para o Benfica. E por cá me tenho conservado, desde 1943.

Manuel Gonçalves recorda-nos algumas das suas melhores provas, como aqueles dois segundos lugares nos 5 e 10 mil metros em pista, as primeiras corridas com a camisola encarnada, passando a senhor.

— No corta-mato de 1944 arranquei mais segundos, nos campeonatos regionais e nacionais. E vieram os 15 quilómetros, com uma boa vitória, correndo ao lado de Manuel Dias, João Miguel, Nogueira e Filipe Luis.

«Esta minha vitória deu-me resultado o João Miguel desafiou-me para correr os 30 quilómetros, lançando-me esse desafio por eu o ter batido nos 15 quilómetros. Animei-me porque ele dizia que nessa prova me venceria por grande diferença. Enchi-me de brío e não só ganhei a corrida como venci o meu adversário».

Manuel Gonçalves vai-nos apontando as suas melhores vitórias, contribuindo sempre para os triunfos nos campeonatos regionais e nacionais. No entanto duas corridas o têm pôsto em evidência e que estão de facto justas para o seu temperamento de corredor: os 15 e os 30 quilómetros. Na primeira, porém, não mais conseguia a vitória.

Em 1946 foi terceiro, em 1947 e 1948, 2.º. Mas já os 30 quilómetros lhe têm corrido de leição.

Correu pela primeira vez a Maratona, em 1946, ganhando-a, ao mesmo tempo que demonstrava qualidades magníficas.

Manuel Gonçalves é desembarrado a falar, expondo as suas ideias e as suas esperanças no desporto que prefere.

A boa forma que o atleta apresenta aloita a nossa curiosidade quanto à orientação que ele segue na sua preparação.

Sorridente, calculando que não esperamos que os treinos do campeão fossem feitos como são, diz-nos:

— Não pense que faço treinos intensos e diários. Nunca treinei nos percursos das provas de 15 e 30 quilómetros e nunca fiz um único treino da Maratona!

«Limite o meu treino a uma corrida por semana, do Campo Grande ao pinhal da Masgreira, perto da minha casa — a caminho do Aeroporto. O resto serve-me a corrida da venda. Quando corro com os jornais é no intuito de despachar depressa a venda mas ao mesmo tempo vou observando como corro... E oriento-me pela forma como me vou sentindo. Falo comigo próprio. Sou o meu treinador.

«Claro que não deixo de dar ouvidos aos conselhos dos mestres.

«De resto faço uma vida de sossego, descansando e alimentando-me convenientemente.

«Mas... Não deixamos que as reticências perdurem no meio da conversa. Manuel Gonçalves expõe a sua opinião.

— No nosso país é muito difícil praticar-se atletismo. Ainda não há nos clubes o auxílio necessário para que nós possamos ser bons campeões. Isto tudo que faço é por que eu gosto de praticar atletismo. Não será importante um atleta levar para o seu clube um título de campeão de uma prova de 15, 30 quilómetros ou de uma Maratona?

«Pequeno ou grande campeão não posso ama ou outra manhã esquivar-me à venda dos meus jornais para seguir para um treino. E por isso as próprias corridas são sempre perto do meio dia para que nós façamos a venda primeiro.

«Belas provas de corinho tenho recebido dos meus clientes. Muitos me têm oferecido ovos e garrafas de vinho do Porto.

— Pensa na Maratona olímpica?

— Gostaria imenso de lá ir! As minhas pernas não fogem muito des dos campees e há a contar que as minhas corridas têm sido feitas com longos percursos sem adversário.

Deixamos o assunto atletismo e quisemos saber as preferências

desportivas do campeão benfiquista.

— Para mim, o atletismo é tudo. Depois, o ciclismo.

— E o futebol?

— Também gosto da bola. Mas no futebol sou belenenses ferrenho.

E com esta novidade terminamos a nossa conversa com Manuel Gonçalves, campeão de atletismo e ardida com por cento.

Fernando Sá



MANUEL GONÇALVES

TÉNIS DE MESA

A TAÇA «STADIUM»

e o Campeonato de Lisboa (pares)

A falta de espaço com que lutamos não nos tem permitido que acompanhem a par e passo as duas competições de ténis de mesa em que actualmente estão empenhados os clubes lisboetas. Limitar-nos-emos, portanto, a dar hoje um resumo da marcha das mesmas, com a actual posição das equipas intervenientes.

Assim, após três eliminatórias da Taça «Stadium» — insitida em homenagem à nossa Revista — podem começar a vislumbra-se as equipas que entre si devem derlimir a posse do referido troféu, que no ano findo foi conquistado pelo *Desportivo do Carmo*. Tudo leva a crer que o vencedor deve sair dentre os juniores do *Sporting* ou do *Internacional*, únicos clubes que contam por vitórias o número de jogos disputados, nos três jornadas em que foram eliminados seis contendores.

Presentemente — escrevemos antes da quarta eliminatória — mantem-se na luta cinco equipas,

que são: *Sporting*, *Natação A e Internacional*, todos com três vitórias; *Miranense*, com duas vitórias e uma derrota e o *Intendente*, com uma vitória, uma derrota e uma isenção.

A quarta jornada, a confirmarem-se os prognósticos, deve deixar em campo apenas as equipas do *Sporting* — isenta por sortelo —, *Natação A e Internacional*, se estes duas últimas vencerem, respectivamente, o *Miranense* e o *Intendente*.

Com as partidas disputadas na quarta e quinta-feira da última semana, completou-se a primeira volta do Campeonato de Lisboa de pares-homens, por equipas.

É digno de realce o comportamento da formação dos «encarnados», que nos três primeiras jornadas alcançaram o score de 27-0 com 9-0 a cada um dos contendores que defrontou: *Matadouro*, *Internacional* e *Combatentes*. Foi, mesmo, a única equipa que conseguiu tão volumosos resultados.

Comentários

Perder e ganhar

DEPOIS do fracasso da nossa equipa de hóquei em patins no seu encontro contra a Espanha, em Madrid, os nossos presados vizinhos perderam um tanto a cabeça. Eram, no seu conceito, melhores do que os melhores do Mundo.

O próprio presidente da Federação, o sr. Sainz de los Terreros, esquecendo as suas responsabilidades e a cartilha do bom desportista, escreveu um artigo na revista oficial da Delegação Nacional dos Desportos, com apiações pouco elegantes, no qual tinha o desprazer de concluir que «já em Lisboa se tinha afirmado a superioridade dos espanhóis e a desorientação dos portugueses quando, magoado também Nadal na primeira parte e com uma grande penalidade injusta, ante um público apaixonado em extremo e um árbitro italiano de quem é melhor não lembrar, Portugal venceu a Espanha por 2-1, resultado que lhe valeu o título de campeão mundial».

Não sabemos se foi este mesmo sr. Terreros quem teve em Montreux a «gentileza» de propor que fosse transferida de Portugal para a Suíça a organização da Taça das Nações, mas apetece-nos dizer-lhe duas verdades sobre o papel dos dirigentes no fomento das relações desportivas entre países amigos e afins e transcrever-lhe o preceito número um de tal cartilha que ele parece nunca ter lido: «O verdadeiro desportista sabe ganhar com modestia e perder com nobreza».

Não ouvimos na transmissão do Rádio Nacional de Espanha o relato do encontro entre os dois grupos peninsulares em Montreux, mas parece que o locutor não digeriu a derrota e lhe veio a bilis à boca; a ser assim, do que não duvidamos, verifica-se que «nuestros hermanos» quando perdem uma competição desportiva com os portugueses, perdem simultaneamente a serenidade de raciocínio. E isso é lamentável. Somos, sob este aspecto, muito

A 1.ª Jornada dos Juniores

Na 1.ª jornada do Campeonato Nacional dos Juniores disputaram-se encontros em Amarante, Braga, Aveiro, Santarém, Setúbal e Évora, com os seguintes resultados:

Sptg. Braga..	4	—	Vila Real...	2
Leixões.....	2	—	Sanjoanense...	0
Académica....	2	—	Sptg. Lamego...	0
Sporting.....	3	—	Ferreirense...	0
Elvas.....	0	—	Évora.....	0
Beja.....	1	—	D. de Faro...	1

No domingo disputam-se os Quartos de Final. Os desempates efectuar-se-ão hoje. Aos 6 vencedores juntam-se os Covilhanenses e os Ferroviários.

melhores jogadores: batidos, reconhecemos-lhes a superioridade, que em nada deslustra, porque em desporto é lão digno ganhar como perder e a derrota não afecta o brio do país nem as suas tradições históricas. E' um incidente ocasional, nada mais; que se pode modificar com trabalho, persistência e entusiasmo.

Espectáculo de desporto

A corrida ciclista dos Seis Dias, que se disputou recentemente no Velodromo de Inverno de Paris, suscitou na imprensa desportiva francesa severos comentários sobre a veracidade da sua classificação final relativamente às possibilidades das equipas concorrentes.

Triunfou uma parêla francesa, a única de classe internacional com que actualmente conta o ciclismo do país, mas parece que a vitória foi bastante ajudada pela complacência de alguns adversários holandeses e belgas, que agiram no melhor do interesse do público e ao serviço das conveniências comerciais dos organizadores. Parece que, sob estes aspectos tiveram razão, pois a receita total atingiu a bonita soma-recorde de vinte e dois milhões de francos.

E' claro que nada nos admira a conclusão a que chegaram agora os críticos franceses; admiramos, sim, que só ao fim de tantos anos a descobrissem ou, melhor, tivessem a franquesa de o confessar. Para nós, — e para muita boa gente, — os Seis Dias ciclistas são um espectáculo e não uma competição desportiva; assim no género da luta no Coliseu.

Supomos, pelo que se lia nas entrelinhas das crónicas, que os artistas desta vez não representaram tão bem e a comédia transpareceu mais nitidamente.

Para remediar no futuro os inconvenientes ora verificados, propõem-se soluções várias, algumas curiosas, como essa de cortar a corrida com períodos diários de descanso (nas horas mortas da afluência de espectadores), transformando-os numa série de seis americanos de umas tantas horas, em dias consecutivos.

Sejam quais forem as modificações introduzidas no regulamento, o mal consideramo-lo sem remédio. Os Seis Dias são uma espécie de grande feira, a que a ronda dos ciclistas serve de pretexto; com um barulho infernal, numa atmosfera sufocante de fumo, estes giram sem fim, como condenados a trabalho perpétuo ou como actores duma endeminhada paródia.

Quem acredita que atletas — que mais não são do que homens — possam lutar durante seis dias sem interrupção nem desânimo? A boa fé tem limites.

S. C.

BASQUETEBO

BENFICA, VASCO e OLIVAIS

venceram nos primeiros jogos do Campeonato Nacional

A primeira jornada do Campeonato Nacional, disputado no sábado, veio confirmar a melhoria das equipas do Porto e de Coimbra, em relação aos conjuntos lisboetas. De facto, o Atlético, frente ao Olivais, e o «Benelenses», em luta com o poderoso «Vasco da Gama», regressaram à capital com duas derrotas, enquanto o Benfica, jogando em «casa», contra o Flaviial, venceu, sem que esse triunfo tivesse reflectido visível superioridade técnica sobre a habilidosa formação portuense.

Hoave, portanto, um certo equilíbrio entre os seis «teams» que agora principiaram a prova mais dura do basquetebol português, e tal aproximação de valores deve regozijar-nos, visto que ela é índice seguro de uma competição animada, emocionante e excelente para a propaganda da modalidade.

Em Lisboa, no campo do Ateuea, o Benfica efectou uma má partida e esteve em riscos de sair do campo derrotado. Iniciando o jogo em bom andamento, os «encarnados» nunca conseguiram, até o intervalo, obter vantagem tranquilizadora, porque os seus adversários respondiam «taco a taco» a todas as suas tentativas de aumentar a marcação. Assim, depois de fazerem 5-2, os benfiquistas con-

sentiram 5-4; chegaram a 8-5, mas os portuenses impuseram-lhes, 8-7; tiveram vantagem de três pontos (12-9), mas imediatamente o Flaviial redizia a diferença para 12-11... Sómente a poucos minutos do descanso, os lisboetas conseguiram o maior desnível deste tempo (4 pontos): 15-11, 17-13 e, por fim, 19-15.

Na segunda parte, o Benfica parecia disposto a modificar este estado de coisas e chegou, realmente, a ter clara vantagem no marcador: 20-15, 22-15 e 26-15; no entanto, uma interessante reacção dos visitantes, deu-lhes uma série de nove pontos a que o Benfica não pôde responder.

Todavia, o Benfica na fase final do desafio, alcançou, novamente, vantagem confortável, fazendo 28-24, 32-26, 36-28 e, por último — 40-30.

No Benfica, apenas Moraes, Homero, e, por vezes, Montalvão conseguiram fazer-se notar; no Flaviial, Adriano e Herculano. Diogo, um dos seleccionados para o próximo Portugal-Espanha, não mostrou classe.

Nos restantes encontros da jornada, o Olivais venceu o Atlético, por 27-26, depois de um jogo difícil e bem disputado e o «Vasco» ganhou os Benelenses por diferença confortável: — 39-27.

Monteiro Poças

NATAÇÃO

Começou o «Torneio da Primavera»

Estava linda a piscina do Alagés e Dafundo. E os nadadores do nosso primeiro clube de especialidade tiveram, assim, o seu primeiro contacto com a água fria, facto que receberam com a mais justificada satisfação.

Como é lógico, não houve «tempo» famosos, nem esse era, tão pouco, o objectivo do festival. Mas houve provas renhidamente disputadas e apreciável concorrência de nadadores de todas as categorias.

Seis meninas concorreram a uma prova de 33 metros-costas, que proporcionou uma bela vitória a Maria Luísa Malheiro da Silva, em 30 s.

Não ofereceu dúvidas a vitória do «infantil» Manuel Murta Barbeiro, nos 33 metros-livres, em 22,8 s., que teve em João Manuel Calixto (23,7 s.) e em Vasco Dias Pereira (23,9 s.) os seus mais perigosos adversários.

Foram oito os iniciados que disputaram os 66 metros-bruços. Mereceu especial relêvo, pela luta travada, pela forma como cobriram o percurso em «mariposas» e pelas marcas obtidas, os dois primeiros classificados, Ezequiel Gamaireiro das Neves (57, s.) e Fer-

nando Esteves Madeira (57, 6 s.), que deram, indiscutivelmente, muita boa conta de si.

João Franco do Vale correu muito bem os 66 metros — costas, principiantes — com uma vitória indiscutível. Eduardo Murta Barbeiro (51, 8.) e Eurico Surgey (54 s.), classificaram-se a seguir.

Os júniores e os seniores encerraram a reunião com a prova mais fraca do programa: os 100 metros-bruços, em que os «tempo» foram nitidamente medíocres. Bastará citar a marca do vencedor Adriano Cabral Rodrigues: 1 m, 32,2s.

A Associação de Lisboa distribuiu prémios

Sábado último, no amplo salão de festas do Pedrouços, a natção lisboeta teve a sua noite de honra. Noite em que se galardoadam os melhores nadadores da primeira Associação do país, e bem assim, algumas individualidades que à modalidade tem dado contributo valiosíssimo, como os comandantes Henrique Tenreiro e Francisco Cruz e o antigo campeão Luís Alves Miguel.

Abreu Tôres



Melão, numa avançada perigosa! Barrigana, mesmo em desequilíbrio, procura executar a defesa. Vitor Guilhar segue o desenvolvimento do perigoso lance



Catolito ao ataque! Rogério não se, desta vez, necessita de intervir...



Em choque com um adversário, Melão caiu. Barrigana defendeu com destresa



Catolito é apertado num anel de fogo...



Júlio pretende esguelrar-se.. Mas Alfredo salta ao caminho



A Vitória do BENFICA

Um passe de Júlio a Moreira! Esta fase é muito curiosa, pois dar a imagem de três passes — o que não impede que o lance se faça!



Sporting VENCE no ultimo GALOPE...



Um do magnífico Abraão. Peyteu nem tenta disputa a bola!



Um instantâneo de grande beleza de atitudes e plena de harmonia! Manuel Marques acorreu, cortando o jogo de Soares!

Não dribles — Passa!

Na simplicidade está toda a virtude do melhor e mais belo futebol

EM todo o jogador habilidoso há uma tendência natural para tornar difícil e complicado o trabalho com a bola.

A «facilidade» do jogador habilidoso há que pôr um travão, se não ela mesma pode conduzir à perda do jogador.

O futebol tem, realmente, um sentido espetacular, mas não se deve nunca confundir-lo com o do malabarismo, da jonglaria, do circo, numa palavra.

Enforma-o um princípio atlético que, em momento algum, dele poderá alhear-se e os treinadores jamais o devem esquecer, — aconselhando, demonstrando, advertindo, persuadindo.

O jogador habilidoso necessitaria ver-se jogar a si próprio, para tomar conhecimento integral da verdade desta máxima: «Na simplicidade está toda a virtude do melhor e mais belo futebol». Então já não retardaria a bola, não faria dribles desnecessários, não complicaria lances...

Muitas vezes, não por vaidade, antes por um sincero convencimento em que o precipita a própria «facilidade», esse jogador supõe-se o homem capaz de resolver todos os problemas duma jogada, quando não até os da equipa — com uma finta ou um drible. E finta, e dribla e, julgando aturdir os jogadores contrários acaba por aturdir-se a si mesmo.

O esforço mental e físico dispendido pelo jogador habilidoso é infinitamente maior do que o do jogador sóbrio, no qual a crítica, em muitos casos, vê simplesmente, uma «utilidade».

Evidentemente, todo o jogador tem de saber driblar. O drible é preciso. É mesmo um dos fundamentos do futebol. Pode dar um golo — quantos tem dado! — e pode, inclusivamente, solucionar uma dificuldade a um defesa ou a um médio-centro, isto é, liquidar uma questão diante de uma ou outra baliza; razão porque os homens da defesa devem também saber driblar. (Neste capítulo o argentino Rafanelli, do Vasco da Gama, era admirável).

Mas no futebol moderno, justamente pelo seu dispositivo, o passe superou o drible. Se não o eliminou, visto não ser possível eliminá-lo, torna-o muito menos necessário, embora não o tenha tornado ainda bastante menos frequente, como terá de ser.

No futebol português continua a driblar-se em excesso. O nosso jogador habilidoso sacrifica-o a uma passagem, preferindo aquele a esta, de modo que, em muitos jogos, o drible resulta como uma reminiscência, coisa deslocada, — anacrónica.

No fundo, o drible é uma «habilidade», tanto mais impressionante, quanto mais espectacular. Daí a tendência que para ele revela, o jogador de mais portentos «facilidade».

Essa tendência impediu que a ideia do jogo de conjunto, melhor, o próprio jogo de conjunto, se desenvolvesse tão rapidamente quanto era indispensável, e temos de reconhecer que ainda agora, apesar de grandes progressos que se fizeram, ela não está completamente desenvolvida...

Uma percentagem considerável de jogadores habilidosos do nosso futebol recorda-nos constantemente o «Mário da Caixinha», avançado extraordinário — capaz de driblar este mundo e o outro, mas terminou por se esgotar e saturar o espectador...

O passe é a autêntica base do jogo — o seu esqueleto e a sua estrutura. O seu sistema vertebral e o seu sistema circulatório.

Um futebol à base do drible, só interessaria jogado por dois homens — um de cada lado. Logo que um jogo requiera mais de um jogador, exige e impõe, imediatamente, a compreensão mútua dos parceiros. Seja no ténis ou na sueca...

Como o instrumento do jogo é a bola e são onze os homens que a manobram, ela não deve ser retida apenas por um. Nem o pode ser.

A passagem é, portanto, o natural elo de ligação. O lógico — e o único.

A finta ou o drible são meras simulações — para abrir caminho ao passe.

Em conclusão: no futebol moderno, o melhor jogador não é o que dribla ou finta melhor. É o que passa ou entrega melhor a bola.

Toda a pureza atlética do jogo — e pobre do futebol que não a tenha — está exactamente no seu mais apurado e perfeito sentido de passe.

Adriano Peixoto

A seguir: — «A desmarcação, uma das mais simples dificuldades do futebol».

A qualidade superior; a conservação do motor do seu carro que com o menor esforço lhe proporcionará a maior segurança; e a protecção eficaz do material e sua impecável conservação;

São as três garantias que fazem da lubrificação

Sonap

a lubrificação que se impõe!

Sociedade Nacional de Petróleos

Gazolina
Petróleo
Gazoil
Fuel-oil
Lubrificantes

Massas consistentes
Vazelinas
Parafinas
Asfaltos

Rua D. Pedro V, 80
LISBOA

Rua de Santo António 45
PORTO

Rua da Sofia
COIMBRA



CAMPEÕES DO MUNDO

de Oquei em Patins, segunda vez consecutiva



Efectivos e Suplentes

Da esquerda para direita: No primeiro plano — Vasco Velez, Cipriano dos Santos, Emídio Pinto e Correia dos Santos.
No segundo plano: pela mesma ordem — António Ribeiro, António Raio, Jesus Correia, Oliverio Serpa (cap.) Sidónio Serpa e Manuel Soares.
Ao lado, o seleccionador e antigo internacional, José Prazeres.

Ecos...

Desvenda-se, finalmente, o véu com que persistentemente se encobria o nome do interior que o «Belenenses» pretende para reforço da sua linha avançada. Trata-se do angolano Mascarenhas Nascimento, que tem alinhado a interior-esquerdo do Sporting de Luanda. Isto, o que nos dizem, pelo menos...

♦ Afirma-se que o Estoril Praia pretende assegurar a colaboração, para a próxima época, de Gomes, um dos guarda-redes de que o Benfica dispõe.

♦ Afinal, e contra o que se dizia, parece ser o Sporting que conlará com o médio portuense Serafim nas suas fileiras. Embora a preferência do jogador em questão fosse para a camisola encarnada...

♦ Tudo indica que se solucionará muito brevemente, talvez no decorrer do mês de Abril, a arrastada questão de transferência dum discutido jogador de futebol que pretende mudar de camisola.

♦ Causou sensação a mudança de destino dum jogador angolano (Couseiro), recentemente chegado por via aérea. «Endereçados a um conhecido clube (Belenenses)... acabou por vir parar a outro (Académica). Contingências das alterações dos horários das carreiras aéreas!

♦ Diz-se que vai ser posta, superiormente, a ideia de alargamento da 1.ª Divisão, na próxima época, para 16 clubes. Desaparecerão, assim, as datas que ainda este ano foram dadas às Associações Regionais, e não se verificará — a manter-se a classificação dos actuais «lanternas vermelhas» do Nacional — o desparecimento da prova máxima da «brisa» de Coimbra. Se esta ficar em último lugar, de onde pode ainda fugir.

♦ Parecia certa, se autorizada, a deslocação do Benfica a Lourenço Marques, para colaborar nas Festas da Cidade, em Agosto. O convite foi feito, e mereceu a melhor atenção daquele clube, cuja popularidade não conhece limites, como se vê... Entretanto, levantou-se o entrave de outra deslocação, mais larga!

♦ Joaquim Teixeira, o ex-interior esquerdo benfiquista que ultimamente representava o Vilória de Guimarães, não parece disposto a regressar à cidade-berço; onde liquidou a sua casa comercial, encontrando-se presentemente em Lisboa.

O dealbar de mais uma época

A classe internacional de Mário Simas

O problema do «water-polo»

No momento em que escrevemos tudo parece conjugar-se para que os nadadores do Sport Algés e Dafundo, concorrentes ao «Torneio da Primavera», tenham o seu primeiro contacto com a água fria no primeiro domingo de Abril. Ainda que com carácter particular, o acontecimento tem, no entanto, um valor simbólico: representa, pura e simplesmente, o cair do pano sobre a chamada temporada de inverno.

Oportuno se nos afigura, pois, bordar algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido durante a quadra invernal, trabalho que, diga-se desde já, esteve circunscrito apenas ao Sport Algés e Dafundo. É inegável, realmente, que o nosso primeiro clube da modalidade cumpriu cabalmente a sua missão, organizando festivais com toda a regularidade, imprimindo-lhes, tanto quanto possível, características diferentes, num esforço evidente de compensar a ausência de provas oficiais.

Mas o que igualmente temos de reconhecer é que a utilíssima piscina de «Eduarda Portugal» não reúne os requisitos indispensáveis para provas de competição, mormente quando se trata de torneios inter-clubes. E também não é menos certo que durante o período que vai de Outubro a Abril, se torna indispensável a realização de festivais que movimentem nadadores de todas as cores clubistas.

O nosso ponto de vista, aliás já por diversas vezes expandido, consiste no seguinte: nada justifica que as entidades dirigentes da nataçã se desinteressem formalmente pelas provas de inverno. O esforço isolado de um clube não chega. Além disso, a emulação resultante da presença de várias colectividades que tem tanto de peculiar como de indispensável.

E uma vez que infelizmente não dispomos ainda de uma piscina de inverno de dimensões regulamentares, não temos dúvida alguma em afirmar que o local naturalmente indicado para a realização de festivais de carácter oficial e reservados a todas as modalidades de Lisboa, seria a piscina do Estoril. Dentro deste critério, é sempre com saude que recordamos o «Torneio de Inverno» organizado pelo clube da Costa do Sol, no Natal de 1948, que tanto agitou a nataçã lisboeta, que tão bons resultados técnicos proporcionou e que teve inclusivamente a participação de nadadores alhandrenses.

Numa visão retrospectiva de todas as provas disputadas pelos nadadores do S. A. D., sobressai, sem sombra de dúvida, o nome de Guilherme Patroni que se nos afigura presentemente em boa

«forma». Das marcas que obteve, salientamos, por exemplo, a de 1 m. 05,6 s. aos 100 metros-livres, sem se empregar a fundo, diga-se em abono da verdade. Além dele e depois dele, um lote numeroso de esperançosos e jovens elementos: os «infantis» Manuel Murta Barbeiro e Vasco Dias Pereira; os «iniciados» Fernando Madeira e Ezequiel G. meio das Neves e os «principiantes» Eduardo Murta Barbeiro, João Franco do Vale e José Inácio Borja.

Mário Simas em Londres?

No congresso da Federação Portuguesa de Nataçã, recentemente reunido, Rodrigo Bessone Basto, com a autoridade que lhe dão os seus trinta e cinco anos de trabalho em favor da nataçã, advogou, com isenção notável, a participação do campeão nacional e «recordman» ibérico Mário Simas, nas próximas olimpíadas de Londres.

Nada mais lógico, mais justo e mais necessário. Com efeito, a presença do melhor nadador da península na mais famosa competição desportiva do Mundo, seria, antes de mais, o complemento lógico da sua actuação nos campeonatos europeus de 1947, onde obteve o segundo «tempo» entre os melhores resultados da prova de 100 metros-costas e onde só por manifesta, infeliz e inexplicável anomalia não alcançou, na «final» da prova em que é especialista, posição sobremaneira honrosa para o nome de Portugal. Seria, além disso, um acto de inteira justiça, pois que representava uma recompensa — e o coroamento de uma carreira sem par — a quem entre nós alcançou de lá muito um lugar à parte. E seria, também, necessário, afirmamos. Sim. Necessário como estímulo e incitamento em favor de uma modalidade que tudo merece.

As palavras de Bessone encontraram, como facilmente se compreende, o melhor aplauso de todos os congressistas. Elas representam, com efeito, o sentir unânime de todos quantos se inte-

ressam pela nataçã portuguesa.

Ignoramos, até certo ponto, qual seja a «forma» actual de Mário Simas. Mas, porque conhecemos bem de quanto é capaz o brioso campeão, não temos a menor dúvida em confiar inteiramente nas possibilidades de uma representação a todos os títulos condigna.

Oxalá tudo se aplane e tudo se consiga. E que o título que encima estas linhas volte a aparecer em letra de forma, mas sem o inervante ponto de interrogação!...

Mantem-se o problema do «water-polo»

Não há dúvida. O problema mantém-se. O «water-polo», à parte um ou outro período de vida breve, continua praticamente inexistente, para o que muito contribui, sem dúvida, a falta de piscinas.

E, no entanto, o «water-polo» é, como todos sabemos, um belo jogo, emotivo e espectacular, viril por excelência, e que tem ainda a virtude de manter em actividade aqueles nadadores que, passado o fogo da mocidade, já não podem comparecer com brilho às provas de nataçã pura.

A matéria prima entre nós não abunda. Mas talvez não fosse de todo impossível preparar, dentro dos nossos recursos, uma turma que em Londres representasse Portugal.

Reciecia-se uma classificação desastrosa?

Não há classificação desastrosa quando são obtidas com espírito desportivo, com apuro e cavalheirismo. Haja em vista o recente exemplo fornecido pela Holanda no óqui patinado. Não cremos que a nação que os holandeses fizeram depois de Deus ter feito o Mundo, tenha ficado diminuída aos olhos de quem saiba ver as coisas com equilíbrio. Seria, possivelmente, o nosso caso. Mas íamos aprender. E uma era de ressurgimento podia começar. Ressurgimento que, caso contrário, parece condenado a jamais surgir...

Abreu Torres

ARCADIA O DANCING N.º 1

= DA CAPITAL =

Apresenta as super-attracções: As 10 jovens do BALLET LALLA CASSEL

Em pleno triunfo os Principes do ballet espanhol MERCEDES LEON-ALBANO ZUÑIGA

A estonteante e escultural bailarina MONA DORIS

Pitar Calvo, Mary Mely, Allantida, Mercedes Romero, Lita-Anllel, Conchita Perez, Mabel Valencia, Miralda

Música constante TOSELLI com o cantor Alcino Duque e ARCADIA

Abertura às 22 horas — 1.ª parte de variedades às 24,15 horas



equipa de honra do Seixal Futebol Clube

Um ataque dos seixalenses às redes do Arrentela, no último jogo da série para a «Taça Stadium»



EXEMPLOS como o que acaba de dar o Seixal Futebol Clube são de facto acontecimentos que valorizam realmente a vida desportiva, pelo seu significado e pelas consequências benéficas que resultam, para bem de um ideal como o desporto e para o povo.

Domingo último, na laboriosa vila do Seixal, por entre o regosijo e as manifestações que acolheram a visita do sr. director geral dos Desportos, pudemos observar quanto pode a dedicação, o entusiasmo e o esforço para tornar possível a obra admirável que nos apresenta o Seixal F. C., agora vencedor da Taça Stadium no torneio da sua Série.

Dia após dia - hoje uma festa amanhã uma flor - de permeio com uma ou outra nobre generosidade e sempre contando com os braços dos seus sócios, o clube viu-se na posse do terreno onde já começa surgindo



Coimbra precisava de um estádio que correspondesse à sua actividade e importância desportiva. Reconhecida essa necessidade, resolveu o Governo construir na bela Cidade Universitária, num sítio aptaxível e bem escolhido, um Estádio moderno, amplo e acolhedor, cujas obras se encontram na fase que reproduzimos. Coimbra terá, dentro de pouco tempo, o Estádio da Cidade Universitária

O SEIXAL F.C.

PROCURA CONQUISTAR a "TAÇA STADIUM."



O sr. Director Geral dos Desportos, acompanhado do sr. presidente da Câmara Municipal do Seixal e outras entidades no momento da inauguração dos melhoramentos da sede do Seixal

o seu parque de jogos - campos de futebol e de basquetebol, cabinas - e do edificio onde está a sua sede. Aqui operou-se o milagre da dedicação clubista, fazendo surgir umas instalações condignas e agradáveis. E a obra prossegue, nobremente, plena de entusiasmo e alegria ligando ao triunfo as suas idéas puras para que no Seixal o desporto não deixe de ter a sua acção social e civilizadora.

Compreende-se e aplaude-se muito justamente a atitude do sr. director geral dos Desportos declarando que fará o mais que puder por intermédio do organismo que dirige para auxiliar materialmente a erguer os bons projectos do clube, onde figura entre outros a construção de um ginásio.

O Seixal F. C. viu assim premiados os seus bons esforços, sentindo-se orgulhoso de poder apresentar uma obra, feita dos sacrificios e dos seus bons pensamentos.

A sua actividade desportiva

actualmente movimentam-se com futebol, basquetebol, voleibol, tenis de mesa e ciclo-turismo. Com os 700 sócios e um Conselho que tem 9 quilómetros onde de 3 em 3 uma freguesia tem o seu grupo de futebol - Atlético Clube de Arrentela, Amora F. C. e Paio Pires F. C. - o Seixal desenvolve uma actividade de bom nível, com uma equipa de futebol onde predominam os novos feitos no clube e por onde têm passado elementos de valor que depois vão para os clubes de maior projecção.

Uma colectividade simpática, valorizando o desporto, pelo seu trabalho e onde há exemplos dignos de serem divulgados e merecedores em absoluto das saudações que lhes fomos levar, não só pela posição que desfrutam para a conquista da TAÇA STADIUM mas também pela obra magnífica que estão levando a efeito.

Fernando Sá



A frente da equipa de futebol, os veteranos do Seixal F. C. O porta-estandarte é uma Sagra do futebol de há tres dezenas de annos, o popular Cavaleiro, internacional de Lisboa-Madrid militar

EM SETÚBAL

Fotos MANIQUE



1 — Alberto Gomes, oportunamente, corre e faz o golo, batendo Baptista; 2 — Ataz tenta uma infiltração, mas o adversário sai-lhe ao caminho...



NA TAPADINHA



1 — Marques executa uma boa defesa por alto. Caninhas segue a defesa com atenção; 2 — Vital, Caninhas e David ao ataque, provocando um lance defeituoso do guarda-redes

NO ESTORIL



Uma fase animada junto das balizas do Boavista. Um dos defesas elevou-se muito bem e conseguiu aliviar de cabeça

ALTERES

Um recorde de força

O campeão americano e mundial (pesados), Leis, estabeleceu um novo recorde de força bruta, erguendo em *développé* com os dois braços um altere de 151 quilos. O precedente recorde era de 145 kg. e estava desde 15-7-939 na posse do alemão Manger.

TENIS

Os triunfos obtidos por Kramer

Jack Kramer, ex-campeão do Mundo de tenis, entre os amadores, continua a demonstrar superioridade sobre o campeão do Mundo profissional, de 1947, Bobby Riggs. Em Memphis (Tenn.) conquistou a sua 38.ª vitória, batendo por 6/3 e 6/4, no decurso de um *match* em três partidas, o seu portentoso rival. Até agora, Riggs alcançou apenas dezassete vitórias nos cinquenta e cinco desafios já disputados.

O Campeonato dos E. U. A.

Terminaram os campeonatos nos Estados Unidos, em pista coberta, com a vitória dos seguintes jogadores de ténis:

Singulares masculinos — Billy Talberg venceu Sidny Schwartz por 4/6, 8/6, 9/7 e 6/2.

Singulares femininos — Sr.ª Cannig Toldt ganhou a Miss Dóris Hart.

Pares, Masculinos — Jean Borotra e Marul Bernard derrotaram B. Talberg e F. Shields em 4 partidas por desistência de Shields.

NATAÇÃO

Bom resultado de P. O. Olsson

Iniciaram-se nos países nórdicos as primeiras provas de natação destinadas a preparar os concorrentes aos Jogos Olímpicos.

Na Suécia, o principal resultado foi o da corrida de 100 metros (estilo livre) ganho por P. O. Olsson, o rival de Alex Jany, no bom tempo de 58,7 seg. Outros nadadores efectuaram também boas provas; P. O. Ostrand ganhou os 400 metros em 5 m. 2,9 s. e a pequena nadadora G. Andersen percorreu os 100 metros (livres) em 1,8 seg. tornando-se desde já uma das favoritas do torneio.

Dois alemães em evidência

Apesar das circunstâncias difíceis que a Alemanha atravessa surgiram no espaço de uma semana dois nadadores batendo o recorde alemão de braços e iguando o de estilo livre na prova de 100 metros. Está nesse caso Walter Klinge, natural de Brunswick, que nadou os 100 metros (braços) em 1 m. e 8,3 seg. o que bate o recorde europeu actual. É pena que não possa concorrer aos Jogos de Londres.

O outro nadador que se distin-

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

A notícia brutal de ter sido massacrado dentro do retângulo do jogo da bola um juiz de linha, algures, num país sul-americano, produziu a mais profunda comoção nos espíritos bem formados.

Não se compreende, nem mesmo se imagina deste lado do Atlântico, como é possível atingir o paroxismo da cegueira e do ferozismo a ponto de cometer um crime tão bárbaro, tão inútil e por motivo, afinal, de tão escasso significado. A análise, feita a sangue-frio, do treloucado acto, vê-se em embaraços para encontrar razões humanas, capazes de servir como justificação longínqua da atitude e do desforço daquelles onze jogadores de futebol, que tomaram como feras a cevar um ódio mortal, de intensidade fulminante, sobre o fiscalizador das regras do jogo, que — talvez sim ou talvez não — causou dano propositado ou involuntário ao team.

Evidentemente, deve tratar-se de um crime passionnal, perpetrado sob o império da mais ampla paixão colectiva, mas para cuja realização influiu de modo decisivo (aqui, em nosso entender, está o ponto crucial do problema...) todo um passado de intolerância, sistemática e permanente, posto em prática pelos entusiastas do futebolismo.

Sem isso, o ambiente de tensão e cegueira clubista elevado ao rubro, jamais o espírito teria perdido a razão, o sentido da própria dignidade, o respeito pela vida alheia e, até, a noção do ridículo, que leva o eterno fanloche, chamado Homem, ao cometimento de inúteis actividades, ora quixotescas ora de senso oposto, de que se envergonha pouco depois.

Em Portugal, felizmente, não se produzem actos de quilate tão bárbaro. A febre dos apaixonados pode conduzir, cá como lá fóra, à distorção completa dos sentimentos, mas a influência dos elementos moderadores da maioria prevalece, em grau suficientemente forte, para tornar incapaz e inútil toda a tentativa de agressão mórbida e covarde como a que se produziu em terras sul-americanas.

Sim, porque afinal o futebol é um jogo para recreio do corpo e do espírito e nada mais. Seria insensatez considerá-lo sob um prisma diferente do verdadeiro.

R. B.

BOXE

Na Argentina

Mário Diaz e Pedro Cobas são dois dos melhores «semi-medios» argentinos actuais. O primeiro, possui maior gama de recursos técnicos e brilha como contra-atacante; o segundo, é bom batalhador e tem punhos vigorosos. O *match* entre ambos, realzado recentemente, acabou pela vitória de Diaz por pontos (12 rds.) mas a crítica mostrou-se partidária de um empate, como decisão equitativa.

FUTEBOL

Em Inglaterra

O resumo dos principais resultados verificados nas duas jornadas últimas do futebol inglês pode exprimir-se assim: Manchester United e Blackpool obtiveram, com brilho, acesso a Wembley, para disputarem a famosa Taça da F. A. Ambos ganharam as «meia-finais» por igual score (3-1), respectivamente ao Derby County e ao Tottenham.

Quanto ao Campeonato da Liga, prossegue no ritmo acelerado. O Sunderland, o único clube inglês que nunca passou da 1.ª Divisão, está em risco sério de perder este importante e excepcional privilégio.

O Grimsby Town está, segundo parece, liquidado. A classificação da cauda ficou assim, depois dos jogos de quarta-feira:

Charlton Athletic, 36 jogos e 30 pontos; Bolton Wanderers, 35 j. e 29 p.; Blackburn Rovers, 36 j. e 29 p.; Sunderland, 36 j. e 28 p.; Grimsby Town, 37 j. e 20 p.

Na cabeça da 2.ª Divisão, o Birmingham e o Newcastle continuam a afirmar-se promencionários. Aquele empatou com o West Bromwich Albion, perdendo um ponto, mas isso influi pouco para efeito de ascensão. O Cardiff City, Southampton e Sheffield Wednesday possuem também boas probabilidades. A classificação, depois dos jogos do meio da semana, é a seguinte:

Birmingham, 36 jogos e 50 pontos; Newcastle, 36 j. e 46 p.; Cardiff City, 37 j. e 44 p.; Southampton, 35 j. e 43 p.; Sheffield Wednesday, 35 j. e 43 p.

Quanto ao Arsenal, diga-se, perdeu com Chelsea (2-0) e isto foi a grande surpresa do dia e da época, pois que os «artilheiros» desde 27 de Dezembro do ano findo não perdiam em casa...

REMO

Cambridge bate Oxford

A clássica regata inter-universitária entre as equipas de estudantes de Oxford e Cambridge, tão apreciada pelo público londrino, foi mais uma vez ganha pelos últimos. Disputada, quase sem interrupção, desde meados do século dezanove, entre Putney e Mortlake, no percurso de quatro milhas e um quarto, este ano efectuou-se em condições excepcionalmente favoráveis de bom tempo.

Cambridge conseguiu bater o recorde da prova no tempo de 18 minutos e 3 segundos e ganhou por cumprimento e meio.

Pormenor curioso: o Primeiro Ministro, Clemente Atlee, assistiu à prova.

guia chama-se Werner Ditzinger, tem 20 anos de idade e nadou os 100 metros (livre) em 58,7 seg. Um bom resultado para um atleta que certamente poderá fazer melhor.

CICLISMO

Os «Seis-Dias» de Paris

Entre as provas de ciclismo já consideradas «clássicas» figuram os «Seis-Dias» de Paris, disputadas por equipas de dois corredores. Este ano triunfou o par francês, Guy Lapébie e Artur Sérès.

Segundo se diz, nos meios parisienses, houve combinação entre os ciclistas para facilitarem o triunfo da equipe vitoriosa, na mira de atrair o público. O resultado foi magnífico, pois nas 144 horas de duração da corrida registaram-se 120.000 espectadores e o empenzário distribuiu um suplemento de bônus, no valor de 1.500.000 francos, a todos os concorrentes.

Um jornalista francês chamou à prova: «Os Seis-Dias de Batota» e com isto este tudo dito!

Neste número

A Separata dos CAMPEÕES DO MUNDO de hóquei em patins

A festa que o conhecido desportista sr. José Donas inspirou e a que assistiram algumas centenas de pessoas, constituiu uma forte manifestação de simpatia e de fé nos destinos do F. C. Porto.

Presidiram ao jantar de confraternização os srs. governador civil do Porto e presidente da Câmara Municipal, e estiveram presentes outras altas individualidades.

Pôde vêr-se que o F. C. P. tem de facto à sua volta, as dedicações firmes da gente da sua terra. Assim o denunciaram, em discursos entusiásticos, José Donas, Alberto Brito, engenheiro Barros Moura, dr. Araújo Barros, rev. Marcelino da Conceição, dr. Cesário Bonito, dr. José Valente, José Teixeira, Manuel Mesquita, dr. Aureliano Braga e Adolfo Quaresma, etc. Telegrafaram em termos muito amigos Carlos Lelo, José Goelho, Vitorino Pinto, Cabral de Matos, José Ribeiro, António Campos, dr. Carlos Graça, Joaquim Silva, dr. Virgílio Paula, Edgar Mendes, Pinto Machado e o nosso camarada Rodrigues Teles.

A festa terminou de madrugada. Assistiu-se, de facto, a uma grande manifestação de amizade clubista.

MOSAICOS nortenhos...

DUAS HOMENAGENS JUSTIFICADAS

Em honra de Herculano Mendes, que vai despedir-se da actividade desportiva e partirá brevemente para a América, vai efectuar-se uma homenagem. No mesmo programa — um jogo entre veteranos do F. C. do Porto e outro grupo de antigos jogadores da capital do Norte. Destina-se o produto a minorar a situação difícil da família de José Balbino da Silva, o infortunado jogador recentemente falecido.

Os desportistas portugueses corresponderão certamente. Porque o simpático Herculano Mendes não pode despedir-se sem receber justa consagração dos seus admiradores. E porque o valor demonstrado por Balbino quando representante do F. C. P., também não deve ser esquecido.

A BOA VITÓRIA DO BOAVISTA

O popular clube do Bessa, como já temos anotado, tem-se mostrado adversário perigoso, principalmente no seu campo do Bessa.

Ganhando recentemente ao Sporting, dos mais considerados clubes nacionais, conseguiu marcar a grande surpresa da penúltima jornada. De lamentar, apenas, a cena final que eliminou do jogo Travaços e Garcia.

Há jogadores com temperamento irrefletido, mas aos clubes cumpre a repressão de gestos que só os prejudicam no decorrer da prova. No

na capital do NORTE

Dignidade...

Curiosidades...

Há uma coisa a que se chama «dignidade». Dignidade no desporto, dignidade na vida — pura e simplesmente. Não compreendemos, portanto, porque se condenou o pedido de demissão apresentado pela gerência do F. C. do Porto.

Por estar com o pé no estribo — como é uso dizer-se, afirmaram os contradores — e Todavia, que tem isso com a dignidade, com o grito de «nem mais uma hora» quando nos magoam certas decisões e quando se não faz a justiça merecida por uma colectividade que tem prestigiado briosamente o desporto nacional?

A última gerência do F. C. do Porto não pode ser acusada de animo leve. Por demais tem sido beliscada: — por lhe não fallarem zelos umas vezes, por caminharem afoitamente, direita ao fim, muitas outras. Sabe-se que a equipa do clube saiu de Olhão mal tratada. O Porto, vencedor por 4-1, não foi a Lisboa «explorar» qualquer derrota, pois esta não bateu à porta, — mas pediu justiça! Não o fez como vencido, mas como clube digno, merecedor da consideração das entidades superiores do desporto!

Mas, em que pé se colocaram as suas alegações? O seu justíssimo grito de protesto não foi ouvido, ao contrário de outros, que se podem indicar sem esforço...

Assim, e não tendo outra maneira de manifestar o seu desgosto, sincero, honesto, a direcção do F. C. do Porto só viu um caminho. Abandonou o seu posto. Bem sabemos que nada lucrado os dirigentes. Já se viu isso mesmo. No entanto, quando se ferem interesses legítimos, como agora, «não há tempo» a respeitar. Há, repetimos, — a «dignidade»! Merece ou não merece esta palavra o respeito de todos, inclusivamente daqueles que tão facilmente se lançam no caminho da crítica, esquecendo tudo e até actos bem mais rebeldes?

Se perencessemos à gerência do F. C. do Porto (nem sócio do clube somos — diga-se para evitar confusões) tomaríamos o mesmo caminho.

Meus senhores: — é muito triste ceder a propósitos que se manifestam por tudo e por nada, sempre da mesma maneira... E' muito triste revelar, nas situações delicadas como esta, todo o ardor de uma acção combativa mas parcial, todo o mau humor que actos passados transportaram até o presente.

A desconsideração deu-se. Os desportistas portuenses não a esquecem, como não hão-de esquecer, por certo, os gestos pessoais que a acompanharam.

seu próprio interesse, é preciso ensinar o atleta a jogar com a bola e não com o adversário!

DE NOVO A NATAÇÃO

EM CRISE...

Às vezes, agita-se a questão. Provocam-se reuniões, indicam-se nomes — e gasta-se tinta nos jornais. Mas depois de tudo isto, continuamos na mesma sem natação e sem uma gerência que a conduza através das suas necessidades mais urgentes.

Não sabemos de quem é a culpa. Sabemos apenas que o salutar desporto continua mal tratado, na capital nortenha. Infelizmente, não se encontram meios capazes de chamar os interessados ao cumprimento dos seus deveres. Seja o que Deus quiser.

A LESÃO DE JOAQUIM

O esperançoso médio do F. C. do Porto, suplente ao último jogo Portugal-Espanha, teve o seu dia de pouca felicidade — contra o Belenense. Uma distensão delicada afastou-o

do jogo, decorridos 10 minutos, e segundo os melhores informes precisará de 30 dias de rigoroso descanso.

A falta de Carvalho era já notável. A essa juntou-se a de Joaquim e o F. C. do Porto ficou praticamente sem linha média para o seu jogo contra o Benfica. Nesta altura da prova, não pode deixar de lamentar-se que tão grande golpe atingisse os campeões nortenhos.

Paciência. O destino pode muito.

DOIS CLUBES É POUCO!

Estamos em plena época de atletismo! Mas quanto a provas de cross — absolutamente nada. Apenas o F. C. do Porto e o Académico, tendo à sua frente Arnaldo Borges e Roberto Machado, respectivamente, procuram treinar as suas equipas, com vista aos próximos campeonatos regionais.

E' muito pouco. Duas colectvidades portuenses em acção, embora briosas, não chegam para demonstrar que a cidade do Porto gosta a valer de tão útil desporto.

Ou não será verdade?

A cidade do Porto, onde há um campeão nacional de andebol (8 anos em 9 de prova...) poucos jogadores dá para a equipa portuguesa. Do F. C. Porto, o titular, foi chamado um efectivo e... um suplente!

Defende-se na Capital do Norte a ideia de ser indicada uma equipa de clube para representar o nosso País no Campeonato do Mundo: a do Belenense — por exemplo.

Certo jogador portuense, por intermédio do seu «historiador» habitual, está em leilão. O rapaz imitou um conhecido ciclista da terra: — «Com o Porto não quero nada...». Uma jóia.

Há muito quem soe com a camisola das cinco quinas. Uns, modestamente; outros com petulância, pois não a merecem, ao contrário das suas afirmações. Os primeiros são mais dignos da nossa amizade.

Antigamente, diziam que Azevedo estava velho e era preciso dar lugar aos novos! Agora, faz-se o possível por eliminar as qualidades de Barrigana...

O Porto foi a Olhão ganhar por 4-1. Mas queixa-se e grita a sua amargura. Em Belém perdeu por 3-0, sem o mínimo aborrecimento além daquele que por azar lhe tocou: — a lesão de Joaquim. O contraste diz alguma coisa...

Grandes dificuldades sentiu o público adepto da bola para entrar no Campo da Constituição. Mas este é o campo do F. C. do Porto. De graça ou a pagar muito dinheiro, qualquer outro — é do vizinho. Faz a sua diferença!

HIPISMO

CAVALEIROS PORTUGUESES EM LONDRES

DEPOIS de fazermos referência à constituição das equipas que disputarão as provas de obstáculos e de campeonato dos próximos Jogos Olímpicos, a realizar em Londres, referenciamos hoje a formação da equipa de «Ensinio» já aprovada pelo sr. Ministro da Guerra e que lhe foi presente pelo tenente-coronel Ivens Ferraz, em nome da Comissão encarregada da nossa preparação olímpica nesta modalidade desportiva.

É a mesma constituída por três dos nossos mais competentes cavaleiros, dois dos quais os leitores já conhecem pela sua actuação nos Concursos hípicas, em provas de obstáculos.

São eles os capitães Fernando Pais, Mena e Silva e Valadas Júnior que utilizarão, respectivamente, os cavalos «Matamás», «Fascinante» e «Feitiço».

Os trabalhos de ensinio vão bastante adelantados e, segundo cremos, os três oficiais vão reunir-se em Lisboa para trabalharem os seus cavalos em conjunto.

Como dissemos, a comparticipação de Portugal nas modalidades «Campeonato de Cavalo de Sela» e «Ensinio» depende ainda de resolução definitiva, mas tudo leva a crer que o nosso país estará presente sem ser apenas na, já habitual, prova de obstáculos.

Portugal tem, neste momento, cavaleiros e montadas suficientes para permittirem uma representação condigna.

Antas Teixeira



**PNEUS
E
CÂMARAS DE AR**

MABOR

Produção da
**MANUFATURA NACIONAL
DE BORRACHA**



Araujo, o grande internacional do F. C. do Porto, apparece-nos neste belo trabalho de Adriano, ao seu estilo e temperamento, e numa parccensa estupenda!



Os vencedores das provas de ciclismo de domingo passado. A' esquerda, Herculano, Constantino, amador-senior; à direita, Carlos Cristiano, iniciado



O banquete de confraternização do F. C. do Porto — bela ideia de José Donas — transformou-se numa grande festa clubista. Assistiram 700 pessoas